

Em tórno de velórios

Sergio Buarque de Holanda

(Especial para o DIÁRIO DE NOTÍCIAS)

EM um dos prefácios que redigiu para suas obras completas, observa Henry James como de simples alusões jogadas descuidadamente e ao acaso no curso de conversas, pôde originar-se a maioria das narrativas que tomaram forma em seu espírito. A expressão "germe" serve para designar, em seu vocabulário, êsse quase nada — desgarrada sugestão, palavra errante, vago eco —, que não precisa e não deve mesmo ser intencionalmente formulado.

Ao contato da preciosa partícula, reduzida aqui à sua essência mais fecunda, a imaginação do novelista se contorce, como tocada pela ponta de uma agulha. Pouco mais do que êsse mínimo bastaria para inutilizar a "operação". O tema há de desenvolver-se daquela semente, da pequena mancha de verdade e de beleza, quase invisível a olho nu e ainda expurgada de acessórios inúteis: os farrapos de vida em que estivera envolta. A arte, que toda ela é discriminação e seleção, enquanto a vida não passa de "inclusão e confusão", sabe discernir com certo instinto os rígidos valores latentes da existência, únicos que lhe podem verdadeiramente interessar.

Esse processo de que nos oferece exemplos tão sugestivos o próprio livro de apontamentos de James, ultimamente publicado, não se refere, é claro, a todos os domínios da literatura de ficção. Não se refere em particular ao romance, que êste, procurando copiar a verdade da vida em toda a sua "inclusão e confusão", há de constituir desafio permanente, não já aos critérios estritamente formais, como a toda apreensão da realidade feita através de certos elementos inefáveis, que parecem relacionar a arte do conto antes à visão do poeta do que à observação do romancista, e que em verdade constituem a incógnita de seu raro encanto.

E justamente porque a arte do conto depende em grande parte desse princípio inefável, pode-se dizer que seus processos escapam a qualquer tentativa rigorosa de sistematização. Quase tudo decorre aqui da capacidade de atingir algumas formas mais esquivas da realidade, que um vez captadas, ajudam a operar-se a discriminação e a seleção requeridas pelo gênero.

Mas o próprio espetáculo da vida não deixaria, por si, transluzir, algumas vezes, um pouco daquela verdade latente, que as aparências habituais dissimulam? Não é o bastante, em muitos casos, um breve estorvo no ritmo normal da existência, para logo aflorar à superfície a fauna de um reino que os interesses, as vaidades, as hipocrisias dos homens procuram constantemente sepultar? Forçando um pouco a comparação, cabe ainda perguntar se, graças a êsses estorvos ocasionais, a vida não oferece diretamente ao contista o equivalente dos elementos germinais de que nos falou Henry James.

Ocorre, estas reflexões a propósito de um pequeno livro de contos de cento e cinquenta páginas apenas, que impresso em Belo Horizonte há mais de dez anos, ainda conserva toda a sua atualidade. Não sei se aos admiradores de Rodrigo M. F. de Andrade, que neste mês de agosto de 1948 festejam o cinquentenário do notável estudioso dos problemas de história da arte brasileira, que hoje dirige o Departamento do Patrimônio e Artístico Nacional, veio a lembrança de assinalar o grande valor de sua contribuição neste ramo da literatura. De qualquer modo a oportunidade da comemoração é motivo para se falar neste livro, que publicado em pequena tiragem, nunca chegou a alcançar a repercussão merecida.

Em *Velórios*, editado em 1936 pelos "Amigos do Livro", o refrão da morte, que assegura a unidade e justifica o título da obra, não visa compor um *decor* previamente estipulado e nem impregnar de uma atmosfera cuidadosamente lúgubre a trama das narrativas. Em sete, pelo menos, das oito histórias que abrange o volume, é precisamente êste motivo reiterado o que val determinar, de cada vez, o transtórno e o choque necessários para que se rasgue a cortina dos escrúpulos superficiais, deixando entrever um mundo que ela tem por missão habitual ocultar.

Pode-se dizer que aqui a sombra da morte apenas resvala de leve sobre os acontecimentos, o bastante para que se insinue em um relance êsse purgatório subterrâneo onde os indivíduos e os sentimentos que os animam só saem à tona e alcançam, enfim, o reino das convenções e das conveniências exteriores, depois de lavados de alguns dos seus traços mais crús ou mais ridículos.

Só em algum caso excepcional o choque chega a ser tão forte que pode abalar fundamente a existência diária dos personagens. Como associar por exemplo o suicídio de "seu" Magalhães à lembrança daquele homem de exemplar sensatez e de costumes tão regrados, que o sócio se acostumara a estimar durante numerosos anos de trabalho em comum? Ao inesperado da notícia do suicídio que perturba a imagem familiar do velho companheiro e faz vislumbrar um indivíduo de todo desconhecido, "tipo perigoso e traçoeiro", sucede a revelação surpreendente, feita por Dona Matilde, das relações irregulares que êle chegara a manter com as próprias cunhadas: "Tanto com uma como com outra êle ficava horas e horas naquele quarto dos fundos, como colsa que andasse cuidando só de colar selos na tal coleção dêle". A morte não é aqui, seguramente, como em tantos outros casos, simples e casual transtórno, parêntese aberto, para logo se fechar, na mediocridade da vida circunstante; é, sim, o preço pago pelo descobrimento súbito de um pecado que só por si já reclama a proteção das trevas.

Em geral, porém, a arte dêste contista, feita sobretudo de sugestões, não precisa de enredos dramáticos e espetaculosos. Nada "acontece" aqui, e a própria morte é fato como os outros, somente um pouco menos usual, e que introduz, assim, uma pausa quase insensível na vida quotidiana e normal. Por isso a história do suicídio de "seu" Magalhães foge, de algum modo, à regra comum.

Outro tanto, e com muito maior razão, pode-se dizer do conto intitulado "O Nortista", o último do livro. No caso seria talvez lícito pensar que a morte de Hermógenes Viana tem a função de simples pormenor ornamental, se não servisse para clarificar aquela vaga atmosfera de dúvida e remorso que envolve o final da narrativa. Seja como for, não representa o motivo central do conto, e sim um recurso de que se serve o autor para esfumar um pouco a agressiva nitidez dos traços com que se apresentara o personagem.

O motivo central, motivo, sem dúvida, dos mais ricos e chelos de sugestões que se podem oferecer a um novelista brasileiro é exatamente o caso do provinciano que fôra ao Rio de Janeiro para "vencer na vida" a qualquer custo, e conseguira seu intento mobilizando uma atividade sem freios, servida por exibicionismo insopitável. O tecido da narrativa é feito do surdo contraste entre a extroversão e vulgaridade de Hermógenes e a discrição do especialista que êle tinha contratado (no fundo só para poder divulgar, através dos jornais, que embarcara "acompanhado do médico assistente"). A história desenvolve-se de modo progressivo; não se trata agora de simples apresentação de uma "situação" suscitada pelo episódio da morte do personagem. Constitui, assim, menos um conto do que uma novela ou um romance abreviado, e não é por acaso que chega a ocupar quase a terça parte de todo o volume.

Nas outras histórias, a morte, simples desmancha-prazeres, se tanto, acontece, de modo quase invariável, antes de principiada a narrativa, e então o título *Velórios* se justifica rigorosamente. O papel desse motivo central está em que há de determinar o ambiente propício para que se denuncie em sua verdadeira fisionomia, ordinariamente velada, o pobre material humano que se agita no livro.

Em regra ela não provoca nos circunstantes nenhum movimento de pesar aparentemente sincero, mas é simples ocasião e bom pretexto para expansões de outra natureza. Quando morreu Martiniano, dona Ismênia serviu-se da desculpa a fim de recriminar os supostos perseguidores do marido defunto, responsabilizando-os pelas contínuas preterições dêste na carreira militar. Se durante algum tempo interrompe as pragas, é que se reserva "para reiniciar o berreiro injurioso assim que a audiência lhe parecesse satisfatória". No enterro de "seu" Ernesto, as irmãs do morto encontram apenas uma ótima oportunidade para afetarem, contra a cunhada, a pretensa superioridade dos seus sentimentos e da sua educação. No conto *Iniciação*, o choque de Pedro ante a notícia da morte desastrosa de Zulmira, a antiga criada da casa, é ditada unicamente pela lembrança do próprio pecado e pelo pavor do castigo eterno. No único caso em que vamos encontrar uma aparência de compunção sincera, as lágrimas que a linda moça loura enxugou nos olhos verdes, diante do corpo do Príncipe dos Prosadores, não é considerada sem um comentário reticencioso.

No contraste entre a sordidez e a mediocridade desse pequeno mundo e os admiráveis efeitos que delas consegue tirar, reside a arte desse contista. Ela não comporta, em verdade, nenhum esforço de análise metódica, mas a exposição pura e simples do material. A presença do autor mal se faz perceber, porque as situações apresentadas têm seu próprio cunho, seu próprio ritmo e sua forma própria, que não vem de fora, imposta por algum critério mecânico. Cessado o momento de translucidez, necessariamente conciso, em que é dado contemplá-la, a vida há de voltar com certeza ao seu aspeto "normal", as personagens adquirirão de novo o mínimo de respeitabilidade indispensável para o trato corrente, e tudo entrará em uma sequência mais lógica.

A afinidade indistarcável entre a arte do conto, ao menos como a pratica o autor de *Velórios*, e a da poesia — que volta aparentemente a ocupar as gerações de hoje, tanto como a do romance ocupara as do período entre as duas grandes guerras —, faz acreditar numa renovação do interesse por êste gênero. E tudo faz prever, neste caso, que a obra do sr. Rodrigo M. F. de Andrade não tardará em ocupar o alto lugar que lhe compete em nossa atual literatura.